

BURNOUT: UM PROBLEMA DE SAÚDE OCUPACIONAL NO SÉCULO XXI

Débora Mariana Teixeira Braga¹

Júlia Barros Skeff²

Davi Maciel Cabral³

Gabriel Duarte Ferreira⁴

Carlos Humberto de Sousa Neto⁵

Elder Franca de Sousa⁶

Em 1974, o psicólogo clínico Herbert Freudenberger foi o primeiro a descrever a Síndrome de Burnout, a partir da identificação de sinais de esgotamento emocional, exaustão física e perda de motivação em profissionais da área da saúde que mantinham contato direto com o público. Porém, o termo surgiu no contexto brasileiro apenas em 1999, quando o Ministério da Saúde reconheceu essa síndrome por meio da Portaria nº 1.339/1999, incluindo-a na Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho. Contudo, foi somente em 2022 que o Burnout foi considerado oficialmente uma doença, sendo incluído na Classificação Internacional de Doenças (CID-11) da OMS. Diante disso, cada vez mais a doença vem sendo pauta de discussões na sociedade, tornando-se um problema de saúde ocupacional no século XXI, uma vez que ainda é estigmatizado socialmente, o que dificulta seu diagnóstico e seu reconhecimento. Perante o exposto, esse estudo tem como objetivo discutir os sinais, sintomas, estigmas e preconceitos contra a Síndrome de Burnout, fatores que somados entravam o reconhecimento e laudo da doença. Foi realizada uma análise de caráter descritivo, elaborado por meio de uma revisão de literatura. Foram selecionados livros, revistas, publicações científicas e documentos oficiais disponíveis em bases de dados reconhecidos, como PubMed e SciELO, incluindo o Ministério da Saúde. Os materiais selecionados e analisados para embasamento do texto foram divulgados entre 2020-2025, em língua portuguesa, com uso dos operadores booleanos “AND” e “OR”, com descritores chave “Síndrome de Burnout”, “História”, “Brasil”, “Século XXI” e “Doença ocupacional”. Do referido estudo, observa-se que a Síndrome de Burnout tem despertado

¹Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário campus Trindade. deborabragaa@academico.unifimes.edu.br

²Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário campus Trindade.

³Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário campus Trindade.

⁴Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário campus Trindade.

⁵Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário campus Trindade.

⁶Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário campus Trindade.

interesse crescente entre pesquisadores, em razão de sua alta incidência entre os trabalhadores. Ainda, necessário destacar, que o Burnout não deve ser confundido com estresse, depressão, desmotivação ou simples insatisfação profissional. Nesta toada, se verifica que o esgotamento psicológico do Burnout gera estresse, ansiedade, e depressão e, por muitas vezes, tem sua ocorrência minimizada, ilegitimada, como se fosse apenas um cansaço corriqueiro ou desídia dos trabalhadores, gerando estigmas e preconceitos, como se aquele indivíduo estivesse voluntariamente se furtando do exercício pleno de suas funções, tentando desconstruir o fato de tratar-se de doença. Conclui-se que a Síndrome de Burnout se mostra uma doença ocupacional de destaque no atual cenário do mercado de trabalho. Cargas horárias consideradas altas e os estressores presentes no dia a dia da função tem se mostrado desencadeadores da referida síndrome. O esgotamento diminui a produtividade, prejudica a saúde do trabalhador e gera a necessidade de afastamento do trabalho. Ademais, nota-se que há, ainda, um preconceito sobre a referida doença, sendo necessário um maior esclarecimento da população a seu respeito. Assim, possível se verificar a importância da referida doença nos tempos atuais e a necessidade de atenção dos peritos quando da confecção de laudos que avaliem a ocorrência, ou não, da enfermidade.

Palavras-chave: Síndrome de Burnout. História. Brasil. Século XXI. Doença ocupacional.